



FERNANDES, C. C.; ROMEIRO, C. A. A contribuição da datilologia como estratégia metodológica no processo de alfabetização. **Revista Diálogos**. V. 4, N. 1. 2016.

A CONTRIBUIÇÃO DA DATILOLOGIA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO*

Carla Caballero FERNANDES¹
carlinha_c_fernandnes@hotmail.com
Camila de Araújo ROMEIRO²
profa.libras@gmail.com

* Monografia de Graduação apresentada a FAMAG - Faculdades MAGSUL, 2015.

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdades MAGSUL (2011). Atua na área da Educação nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental como professora celetista. Possui experiência na Educação Especial - Associação de Paes e Amigos Excepcionais (APAE) e gestão educacional na Escola Estadual Adê Marques. Estudante e pesquisadora sobre a cultura surda, inclusão cultural e acessibilidade tanto na área da surdez como demais deficiências. Pesquisa também a área da psicologia o comportamento humano e seus processos mentais, o que estimula a emoção, a percepção, a aprendizagem, e a inteligência.

² Mestranda em Educação Científica e Matemática pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, bolsista pelo PIBAP/UEMS, Programa Institucional de Bolsas aos Alunos de Pós-Graduação. Especialista em Educação Inclusiva com ênfase em Atendimento Educacional Especializado (2012). Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (2011). Atua na área de Educação, com ênfase em Educação Especial área da surdez. Participa do Grupo de Estudo e Pesquisa em Acessibilidade da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - GEPA/UFMS. Este grupo tem como linha de pesquisa: Escola, Deficiência e Dificuldade de Aprendizagem na Perspectiva da Acessibilidade e Inclusão. Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) - na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Possui PROLIBRAS em Tradução e Interpretação da LIBRAS/ Língua Portuguesa/LIBRAS- e PROLIBRAS Ensino da LIBRAS - Nível Superior.

Resumo: Nesta pesquisa a Datilologia ou alfabeto manual foi utilizado como proposta metodológica para atividades de alfabetização considerando que a configuração das mãos ao representar o Alfabeto Manual, assemelha-se ao alfabeto escrito e por isso pode auxiliar tanto crianças surdas quanto ouvintes no processo de aprendizagem. Além de propor uma atividade didática esse trabalho pretendeu também contribuir para a formação do professor das séries iniciais, incentivando ainda a inserção da Libras no meio escolar e a promoção da inclusão e diversidade.

Palavras-chave: Datilologia. Alfabetização. Inclusão.

Abstract: In this research the Datilologia or manual alphabet was used as a methodological proposal for literacy activities whereas the setting of the hands to represent the Manual Alphabet, resembles the alphabet written and so can assist both deaf children as listeners in the learning process. In addition to proposing a didactic activity this work intended to also contribute to the formation of the teacher of the initial series, encouraging even the insertion of Pounds in middle school and promotion of inclusivity and diversity.

Keywords: Datilologia. Literacy. Inclusion.

//\t^moq̃+^π: _t.\.Bθθođ _t^mq̃\íwθθođ)-† _M̃L̃Λ̃[⊕] <í.#. 1./t<í^Λ→
 _t@LL //.#.ᵐ@w-L: _t<í^mθθođ)-† .III.ᵐ@Q→: 1.θQ⊥^ν //_t^m@wL[↑]
 <Γw=≠, .Γ.w_H_L: <í.##.ᵐ .\._t^mθθođ)-←: 1./t<í^Λ→, //...@w-ν̄:
 //_J.M̃¹²↓: í.θQ⊥; //.#.#.θM̃T //•wδ↓ //_J.θδ+[⊥] _J.w_Λ̃:._tθθ
 .J.w⊥.:.J.θ_ //_J.θQ+[:] <ΓM̃⊥≠ <í\wθθQw-↓ //_t^m@wL[⊥] <Γw=≠.
 .J.II.ᵐ@M̃Qw̃.:.J.II.ᵐ@M̃Qw̃ _t<í^mθθođ)-† 1.θQ⊥^ν //<íwq̃+[:]
 _t.\.Bθθođ _t^mq̃\íwθθođ)-† _t@LL //_J.θ+[:] //<íM̃Q↑^π↓^π /\.θQ→
 .I.ᵐ@t̃.:/ᵐ@t̃, .I.<Γwθθođ)-⊥: <í\wθθQw-← //_J.ᵐ@δL̃^{''} _J.θθo
 //_t@q̃.: //_tθQw̃.

<Γ.ᵐ@M̃Q→ //<íM̃Q≠¹³: _M̃L̃Λ̃[⊕]. 1./t<í^Λ→ //_t^m@wL[↑] <Γw=≠.
 //_J.ᵐ@δL̃[↓].

1. INTRODUÇÃO

Em meio à sociedade em que se exige cada vez mais qualificação, a alfabetização é fundamental para um cidadão, lhe oferecendo uma melhoria na sua qualidade de vida. É por meio da alfabetização, que encontramos a oportunidade de ampliarmos nossos conhecimentos. Emília (2007, p. 55) afirma que, “as crianças são capazes de pensar e de compreender e têm o direito à cidadania na escrita.” É essencial que este cidadão seja capaz de formar ideias e transmiti-las por meio da escrita.

A escola hoje é a principal instituição responsável por desenvolver o potencial da leitura e escrita assim como demais habilidades, tendo um papel na formação da criança como cidadão.

Conforme Ferreiro (2007, p. 56), quando falamos sobre a alfabetização, logo, pensamos na aprendizagem escolar, que está interligada, na leitura como codificação e na escrita como cópia repetitiva de sinais gráficos. Ignorando as complexidades existentes no processo da alfabetização, tornando a escrita apenas traços ou sinais, o qual deveria ter correspondência com os sons da fala.

A maior dificuldade é encontrar o professor para a primeira série. Ninguém quer. E, na maioria das escolas, a escolha é feita por antiguidade. Geralmente a primeira série é destinada para o professor mais novo na Escola, mesmo não gostando e não tendo condições (FEIL, 1986, p. 15).

Portanto, são notórios os desafios encontrados na alfabetização, professores, metodologias, processo de aprendizagem das crianças, e vários fatores a serem analisados.

E é nesse anseio, que essa pesquisa foi desenvolvida. Como é o processo de ensino? Como é o processo de aprendizagem das crianças na alfabetização? No que as crianças apresentam dificuldades em relação à escrita? A datilologia pode contribuir como metodologia alfabética?

Conforme Piaget, a criança necessita do concreto nessa idade, a Datilologia ou alfabeto manual é um sistema de representação, quer simbólica, quer icônica, das letras dos alfabetos das línguas orais escritas,

por meio das mãos. É útil para se entender melhor a comunidade surda, faz parte da sua cultura e surge da necessidade de contato com os cidadãos ouvintes, fazendo parte da LIBRAS - 2ª Língua Oficial Brasileira, ainda com pouca difusão, e expansão. Baseando-se no fato que a configuração das mãos ao representar o Alfabeto Manual, assemelha-se muito ao alfabeto escrito, sendo assim, a pesquisadora em busca de uma resposta para uma metodologia de alfabetização, optou pelo ensino da Datilologia como metodologia. Mas “como a Datilologia pode contribuir, e de que maneira ela reflete na aprendizagem para a criança no período da alfabetização?” Tornando-se a hipótese, norteadora da pesquisa.

Sendo assim, esta pesquisa tencionou contribuir com a formação dos educadores apresentando um método de trabalho cuja aplicação é objeto desta pesquisa. Conforme Freire (1996, p. 26) “não há docência sem discência”, o educador e educandos, juntos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber. Desse modo, é importante compreendermos o processo de alfabetização da criança, e analisar a contribuição da datilologia como estratégia metodológica nesse processo, sendo ela positiva ou não.

O trabalho tem como metodologia a pesquisa de campo qualitativa e pretende responder a esses questionamentos através dos seus objetivos específicos - de estudo bibliográfico, observação para verificar como é o processo de ensino-aprendizagem e as metodologias utilizadas, de entrevista para saber quais as dificuldades que ambos enfrentam nesse processo. Outro método é o estudo exploratório, cuja finalidade é conhecer o fenômeno e obter uma nova percepção a seu respeito, descobrindo assim novas ideias em relação ao objeto de estudo. Utiliza-se também o método de Pesquisa-ação ao compreender a situação, na identificação dos problemas, na busca de soluções, à aprendizagem dos alunos. Analisando a datilologia como uma opção metodológica no processo de alfabetização.

2. DESENVOLVENDO A PESQUISA

A pesquisa teve por objetivo contribuir para a compreensão de problemas que professores enfrentam em sala de aula no processo de ensino-aprendizagem na alfabetização das crianças, suas necessidades, e metodologias aplicadas.

Utilizou-se da pesquisa qualitativa, pois conforme Ludke e André, ela apresenta a característica de observar, estudar e analisar o fenômeno sem manipular o objeto de estudo ou seja, investigar a sala de aula, e o processo de ensino-aprendizagem e como atuam os mediadores da construção do conhecimento. Utiliza-se também o método de pesquisa-ação.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual, os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1996, p. 14).

Portanto, é uma forma de experimentação em situação real, na qual os pesquisadores intervêm conscientemente. Nesse caso, os participantes não são cobaias, mas desempenham um papel ativo.

As aulas são observadas e nesse momento são utilizados os principais instrumentos na coleta de dados, a entrevista, observação, estudo bibliográfico. Segundo Lüdke e André (1986, p. 34), a grande vantagem dessa técnica em relação às outras é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Ressaltam também a importância do estudo bibliográfico, de documentos em investigações educacionais, análise do programa da área curricular, leis. A observação participativa também, que permite ao pesquisador uma maior aproximação, direcionando à dados concretos, considerados através de posturas e emoções.

A criança para iniciar nesse método de alfabetização, primeiro domina o alfabeto (letra por letra), depois as sílabas, as palavras, frases e finalmente os textos

Foram colados na parede da sala de aula todas as letras (em cada letra do alfabeto, havia as quatro formas de escritas, manuscrita maiúscula e minúscula, e letra de forma maiúscula e minúscula) em suas sequências. Nas três primeiras semanas, as crianças estudaram apenas as vogais. A professora trabalhou o som de cada vogal, sua pronúncia fônica, e sua escrita. Posteriormente, o alfabeto, vogais e consoantes.

O estudo exploratório, conforme Thiollent (1996, p. 48) revela experiência vicária. Sendo assim, com essa variedade de informações, oriunda de fontes variadas, é possível cruzar informações, confirmar ou rejeitar hipóteses, descobrir novos dados, afastar suposições ou levantar hipóteses alternativas.

Mediante isso, a pesquisadora utilizando o método de pesquisa-ação. Com a proposta já apresentada a Professora Regente, a qual, disponibilizou o tempo necessário, para o ensino do Alfabeto Manual, para os alunos ouvintes. Durante o processo de ensino-aprendizagem da Datilologia, os alunos realizaram atividades que estimulassem o novo conhecimento e a assimilação.

A pesquisa foi realizada no 1º ano do Ensino Fundamental, no qual as crianças entre 6 e 7 anos estão no processo de alfabetização e professora regente. A turma pesquisada possuem 24 alunos matriculados e frequentes em sala de aula, sendo 5 dos mesmos apresentando laudos psicopedagógicos, e alguns neurológicos.

A Instituição de Ensino é particular, atende da educação infantil aos anos finais do Ensino Fundamental. A “Escola particular tem como lema “Educar e Amar” e como filosofia centrar a Educação nas necessidades, interesses e aspirações do ser humano, considerando sua imaginação, sua criatividade, sua liberdade de expressão, sua livre iniciativa, propiciando-lhe o conhecimento harmonioso de seu corpo e de seu cognitivo e o seu ajustamento ao ambiente natural e social; desenvolvendo lhe a capacidade

de mudanças, o espírito crítico, o estímulo à liderança, à inclinação vocacional e a auto realização.

A instituição oferece a Educação Infantil e o Ensino Fundamental nos períodos matutino e vespertino, com a seguinte finalidade: a escola trás o princípio a Educação por Princípios-Família e escola, unidas, trabalhando na formação de uma geração consciente de seus valores e responsabilidades, capacitadas para o exercício de sua vocação na sociedade.

3. CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO E BREVE CONTEXTO HISTÓRICO AS DATILOLOGIA

A prática educativa de ensinar a ler e a escrever sempre foi uma das tarefas mais específica da escola. E desde outras épocas, um número muito significativo de crianças fracassava nos primeiros passos da alfabetização.

Para Ferreiro e Teberosky (1985, p. 18), há certos anseios em métodos que sejam melhores ou mais eficazes à alfabetização, sendo essa a preocupação dos educadores.

Até mesmo a forma gráfica da escrita não é bem compreendida pela escola. Dissemos, sem pestanejar, que usamos um sistema alfabético. Na verdade, esse sistema não possui uma única forma e nem é completamente alfabético. Pode parecer paradoxal, mas em nenhuma cartilha se explica à criança que temos várias formas de representação gráfica, ou seja, vários tipos de alfabeto em uso e, em geral, de maneira misturada. Por exemplo, a escrita de forma é diferente da escrita cursiva, e como! A criança que vai aprender a escrever deve sentir perplexa diante desse fato. (CAGLIARI, 1995, p. 82)

Estimuladas por essa situação, as pesquisadoras escreveram o livro “Psicogênese da Língua Escrita”, tratando-se não de um método pedagógico, mas revelando os processos de aprendizagem da criança, confrontando os métodos tradicionais de ensino da leitura e da escrita. Tornou-se referência para o ensino construtivista, no modo como a criança aprende. Chegou à conclusão de que as crianças têm um papel ativo de aprendizagem. Construindo seu próprio conhecimento.

Diante a esses inúmeros desafios Ferreiro afirma que a alfabetização é considerada a partir da relação do método e estado de maturidade. Sendo assim, o fator enfatizado no ensino-aprendizagem é o método realizado pelo professor conforme a maturidade da criança, para a aprendizagem.

Temos, portanto, dois elementos importantíssimos a ser analisado- Quem ensina e Quem aprende. No entanto, não bastam somente esses dois, há um terceiro necessário, apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, através de que tipo de prática educativa a criança é introduzida na linguagem escrita, e como se apresenta esse objeto no contexto escolar. Destacando dois métodos tradicionais:

O método sintético preserva a correspondência entre o oral e o escrito, entre som e a grafia. O que se destaca é o processo que consiste em partir das partes do todo, sendo as letras os elementos mínimos da escrita. O método analítico insiste no reconhecimento global das palavras ou orações (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 18)

Entre o som e a grafia, por meio do aprendizado de letra por letra, ou sílaba por sílaba e palavra por palavra. Fundamentando-se na decifração das palavras e, posteriormente a leitura com compreensão. No entanto, a relação entre as letras e os sons da fala é sempre muito complicada pelo fato de a escrita não ser o espelho da fala e porque é possível ler o que está escrito de diversas maneiras.

Para Ferreiro e Teberosky, o método analítico como oposição teórica ao método sintético, defende que a leitura é um ato global. Indicando que o nosso cérebro capta primeiro o todo e só depois consegue perceber os pormenores. Ou seja, o educando parte do texto para extrair a frase. Da frase, retiram-se as palavras e, depois, as sílabas, e letras. De acordo com os críticos, no método analítico, a criança não aprende a ler, apenas decora os textos.

Desse modo, isso nos impulsiona a estabelecer uma clara distinção entre os processos que um método propõe, e o que de fato ocorre no cognitivo das crianças.

É comum as pessoas se considerarem conhecedoras da língua de sinais. Porém, na verdade o que conhecem é o alfabeto manual da língua de sinais. São comumente distribuídos copias do alfabeto manual pelos próprios surdos (geralmente vendendo algo) em locais públicos, tais como chaveiros, adesivos.

A Libras (Língua Brasileira de Sinais) conforme Castro e Carvalho (2009) é a língua materna dos surdos. É através dessa Língua, que o indivíduo surdo tem possibilidade de ampliar seu conhecimento, incluindo o conhecimento de uma segunda língua, mesmo ela sendo oral ou escrita. Datilologia ou Alfabeto Manual, no entanto, são utilizados pelos surdos para referir-se a palavras estrangeiras, nomes próprios de pessoas e lugares que ainda não têm um sinal definido. Assim como as línguas de sinais, o alfabeto manual não é universal, cada língua de sinais tem seu próprio alfabeto.

Conforme Clélia Regina Ramos, em seu artigo, pela Editora Arara Azul Ltda,

Woll (1977) faz um levantamento histórico do material impresso na Inglaterra sobre Línguas de Sinais, mostrando que a partir de 1880 começam a aparecer pequenos panfletos, provavelmente destinados à venda para arrecadação de fundos, geralmente consistindo em ilustrações de sinais (em fotos ou desenhos), com ou sem descrições de como produzi-los. (...) os alfabetos datilológicos ou alfabetos manuais têm uma história um pouco mais antiga, coincidindo com as primeiras tentativas formais de educação de surdos. (...) Outra corrente, o "alfabeto de duas mãos", atualmente ainda em uso na Inglaterra e algumas de suas ex-colônias, aparentemente não mantém relação com o alfabeto de Bonet, tendo suas origens menos claras. (...) Mesmo sendo resultado da pesquisa de ouvintes no sentido de ensinar o surdo a falar, a maior parte das comunidades surdas de todo o mundo utilizam a datilologia em suas línguas de sinais. Ela pode servir para palavras estrangeiras, nomes próprios que ainda não tenham recebido o "apelido" em sinal, nomes de lugares ou palavras novas.

Portanto, a datilologia surgiu pelo anseio de comunicação, dos ouvintes com a comunidade surda. Mas é comumente usada pela maioria dos surdos, como, nas expressões linguísticas quando não há um sinal

específico, para nomes próprios, estrangeiros, e até como o meio de relacionar com o ouvinte, quando este não entende a Libras.

A Língua brasileira de sinais foi reconhecida no Brasil, pela Lei nº 10.436 de 24 de Abril de 2002, pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, e regulamentada pelo decreto 5626/2005, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que reconhece como meio legal de comunicação e expressão linguística e outros recursos a ela associada. Anteriormente, a esse período, o Brasil trocou a monarquia pela república, teve seis Constituições e viveu a ditadura militar. O longo intervalo deve-se a uma decisão tomada no Congresso Mundial de Surdos, na cidade italiana de Milão no ano de 1880. No evento, ficou decidido que a língua de sinais deveria ser abolida, ação que o Brasil implementou em 1881.

A Libras quase mudou o nome e só voltou a vigorar em 1991, no Estado de Minas Gerais, com uma lei estadual. Só em agosto de 2001, com o Programa Nacional de Apoio à Educação do Surdo, os primeiros 80 professores foram preparados para lecionar a língua brasileira de sinais. A regulamentação da Libras em âmbito federal só se deu em 24 de abril de 2002, com a lei nº 10.436.

4. OBSERVAÇÕES E ENTREVISTA COM A PROFESSORA

As observações realizadas em sala de aula tiveram por objetivo investigar as metodologias utilizadas pelos professores para a realização da alfabetização no dia a dia da escola. Como estratégia, foram utilizadas técnicas de observação presencial, e estudo exploratório, com registros das atividades realizadas pela professora. Foram muitos os momentos observados em sala de aula, registrados e vividos no cotidiano das crianças e professora.

A sala do primeiro ano é o objeto de pesquisa conforme a lei que regulamenta o 1º Ano do Ensino Fundamental, cujo objetivo é a formação básica do cidadão. Ao iniciar as observações, logo se percebeu que havia alguns alunos especiais. Notou-se, portanto, que haveria algumas dificuldades na aprendizagem.

Primeiramente, a professora inicia com a rotina da sala, conversando com as crianças, estimulando percepção do ambiente da criança, questionando o dia da semana, mês, cidade, o clima.

Em seguida falou das vogais: A, E, I, O e U. Utilizando a metodologia fonética, como a pronúncia, e articulação de cada vogal. Desenvolvendo atividades como identificar vogais iniciais nas figuras. Durante duas semanas.

Conforme a resposta da Professora, “as metodologias são adaptadas e adequadas de maneira a facilitar a compreensão e o aprendizado, articulando-se à realidade e necessidade dos alunos”.

Próximo passo foi à introdução das consoantes, a colocação do alfabeto, com as quatro letras presente (cursiva maiúscula e minúscula, forma maiúscula e minúscula). Uma ferramenta indispensável nas salas de alfabetização, ajuda as crianças a tirar dúvidas sobre a grafia das letras sozinhas, relata a professora.

Por exemplo, Se as crianças sabem que dado começa com a letra “d”, e se esqueceu como se escreve, é só decorrer pelo alfabeto até encontrá-lo. Então as crianças continuaram desenvolvendo atividades relacionadas as letras iniciais das palavras, a letra inicial de seus próprios nomes. Outro material utilizado foi o alfabeto móvel, a qual as crianças copiam a ordem das letras que estavam no quadro, para formarem palavras.

Nessa etapa, foi possível observar a dificuldade das crianças memorizarem a codificação da letra escrita, com a fala. Muitas delas não lembravam como escreviam as letras.

No relato da professora em resposta das perguntas apresentadas, diz que as dificuldades apresentadas pelas crianças na aprendizagem são:

- “Memorizar a sequência e nome das letras do alfabeto;
- Confundir entre letras que possuem um ponto de articulação comum e cujos sons são acusticamente próximos; d-t, m-n, p, v, f, entre outros;
- Inversões parciais de sílabas ou palavras. Ex.: me-em, sol-los, som-mos, entre outros.”

Nesse momento a pesquisadora ensinou o alfabeto manual para as crianças. Primeiramente falou para que serve, Vygotsky afirma que

A palavra é um signo. Esse signo pode ser usado e aplicado de diferentes maneiras. Pode servir como meio para diferentes operações intelectuais, e são precisamente essas operações, realizadas por intermédio da palavra, que levam à distinção fundamental entre complexo e conceito (IVIC, 2010, p. 56)

Portanto, é necessário conceituar para a criança, “o que é, pra que serve, e quem a utiliza.” Desse modo, as crianças despertaram a atenção pelo novo. Então, acima das letras do alfabeto, foi colocado a sinalização de cada letra em Alfabeto Manual, para que eles compreendessem a representação de cada sinal e configuração da mão. Sendo a mesma utilizada pelos surdos que não são mudos, eles apenas não escutam, conseqüentemente não tem o domínio sobre a linguagem. Portanto, o seu meio de comunicação é a LIBRAS, a qual integra o alfabeto manual. Para referir-se a palavras estrangeiras, nomes próprios de pessoas e lugares que ainda não têm um sinal definido. E durante quatro dias foi demonstrado a sinalização e configuração de cada letra, e observou o desenvolvimento das atividades, com a utilização da datilologia.

A Datilologia, sendo de suma importância na estrutura linguística da Libras, e sendo esta a 2ª Língua Oficial do Brasil, pela Lei nº 10.436 de 24 de Abril de 2002. Foi o método estratégico sugerido no processo de ensino-aprendizagem.

Conforme a realização das atividades, foi possível registrar o desenvolvimento do conhecimento da letra, não apenas com a memorização. Mas de forma representativa. Questionada sobre a maneira que a datilologia pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem do alfabeto, a entrevistada diz que “as crianças ficam maravilhadas quando começam a aprender a língua de sinais- Libras. Elas utilizam essa linguagem brincando e isso se torna prazeroso.”

A metodologia da pesquisadora, primeiramente, colou na parede o alfabeto manual, com as configurações das mãos, em cima de cada letra do alfabeto já exposto na sala. Então, fez todo alfabeto manual repetidas vezes, até que eles compreendessem. Em seguida, que treinassem seus nomes, e de algum colega. Repetindo por uma semana.

A professora começou a utilizar o método em ditados, quando soletrava, representava as letras com a mão. Quando as crianças não se lembravam da letra sua forma escrita, demonstrava apenas com a mão com o alfabeto manual, e as crianças recordavam-se. Concluída esta etapa, foram apresentadas mais algumas perguntas para o melhor esclarecimento do objeto de pesquisa do trabalho.

Em relação a contribuição da datilologia, quais as características as crianças apresentaram na aprendizagem, a resposta foi “na memorização das letras e do movimento em - LIBRAS, canais alternativos de comunicação, interação com outras crianças, soma nas diferenças (inclusão), enriquecimento da linguagem e cidadania.”

Afirmou que a datilologia auxiliou como recurso metodológico no ensino “sendo uma ótima metodologia, continuarei a utilizar nos demais anos, é simples, fácil, e está na mão do professor a qualquer instante. Estimulou as crianças como uma atividade lúdica e prazerosa.”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada buscou retratar as dificuldades das crianças no período de alfabetização, em relação às letras, alfabeto, e sua escrita. Também encontrar a dificuldade do professor em relação a metodologia aplicada ao ensino-aprendizagem da criança, considerando seus fatores físicos e biológicos.

Analisando dessa forma a prática docente na escola lócus da pesquisa, especificamente no primeiro ano do ensino fundamental, de modo geral, observou-se que a professora utiliza metodologias adequadas, se adaptando no que for necessário de maneira a facilitar a compreensão e o aprendizado da criança, articulando-se à realidade e necessidade dos alunos. A escola também valoriza a inclusão e valorização a diversidade como instrumento importante na formação do cidadão, dessa maneira a escola já possuía seu projeto.

Para os alunos no incentivo à alfabetização o resultado obtido na pesquisa, portanto foi satisfatório quanto à aplicação de projetos, e a prática

docente, apresentou disposição à métodos novos, oportunizam ao aluno uma participação melhor, para acesso ao conhecimento. Utilizando o método sintético preservando a correspondência entre o oral e o escrito, entre som e a grafia, cujo o processo consiste no aprendizado de letra por letra, ou sílaba por sílaba e palavra por palavra.

Fundamentando-se na decifração das palavras e, por fim a leitura com compreensão. No entanto, a dificuldade apresentada pelas crianças está na relação entre as letras e os sons da fala, pois a escrita não é exatamente como sua pronúncia na fala. Podemos pronunciar a escrita de diversas maneiras. A memorização da sequência e nome das letras do alfabeto, confundir entre letras que possuem a fonética são comumente próximos (d-t, m-n, p, v, f, entre outros); inversões parciais de sílabas ou palavras são outras dificuldades apresentadas. É importante que o acadêmico tenha conhecimento nas dificuldades e necessidades que as crianças apresentam em sala de aula na aprendizagem, perceber a criança com suas necessidades psíquicas, biológicas e cognitivas, e que é de suma importância optar por métodos para uma melhora aprendizagem.

A realização da pesquisa traz sua contribuição quanto à reflexão da temática para a atuação docente, o educador precisa ser consciente que a prática pedagógica está relacionada com a necessidade do educando perante seu processo psicológico.

Portanto, a preocupação com o processo foi maior do que com o produto ao verificar como ele se manifestou nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas, dessa maneira a observação da prática docente, a interação dos alunos, permitiu concluir como o trabalho com a datilologia poderá contribuir para a formação de cidadãos alfabetizados e conscientes com a necessidade especial do outro. Ela não só contribuiu na prática educativa, auxiliando o professor, como ferramenta em sala de aula, tanto na memorização das crianças, e no concreto de forma lúdica, de fácil acessibilidade. Como também a possuímos consciência da necessidade da formação de cidadãos, que valorizem as diversidades, respeitando as diferenças.

Outro fator que está vinculada, é a difusão da Libras, que ainda muito restrita e de difícil acesso a apropriação, as crianças despertaram o interesse, e valorização da Linguagem dos surdos. Onde um dos alunos relatou que “foi brincar no Parque dos Ervais e encontrou um surdo”, quando teve a oportunidade de sinalizar seu nome, e ele entender e a responder.

Mediante as circunstâncias presenciadas na escola, é possível compreender que o ensino da Língua Brasileira de Sinais se faz necessário para a sociedade tanto na inclusão dos surdos quanto para os ouvintes. Ao longo desta pesquisa, surgiram novas possibilidades que não foram desenvolvidas, pois tornariam este trabalho muito extenso e fugiria ao tema abordado, permitindo então continuidade em futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em 15 abr. 2015.
2. _____. **Decreto nº 5626**, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 15 de abr. 2015.
3. CAGLIARI, L. C. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 1995. 133p.
4. CASTRO, A. R. de; CARVALHO, I. S. de. Comunicação por língua brasileira de sinais: livro básico/ Alberto Rainha de Castro e Ilza Silva de Carvalho. 3.ed. - Brasília: Senac/DF, 2009
5. FAZENDA, I. C. A.. Metodologia da pesquisa educacional. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
6. FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. A Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Medicas, 1985. 284p.
7. FERREIRO, E. Alfabetização em Processo. São Paulo: Cortez, 1996.

8. FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
9. GALVÃO, I. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 7ª.ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.(Educação e conhecimento). 134 p.
10. GOMES, M. L. C. Metodologia do ensino de língua portuguesa. Curitiba: Ibpx, 2007. 195p.
11. IVIC, I. L. S. Vygotsky. Recife: Massangana, 2010. 140p.
12. LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 1998.
13. LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. 11. ed. São Paulo: EPU, 2008.
14. QUADROS, R. M. de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem/ Ronice Müller de Quadros. - Porto Alegre: Artmed, 1997.
15. RAMOS, C. R. História da Datilologia. Arara Azul LTDA, Petrópolis - RJ, n.3, p.1-2, 2014. Disponível em: www.editora-arara-azul.com.br. Acesso em 26 ago. 2015
16. THIOLENT, M. Metodologia da Pesquisa-ação. 7ª edição. Editora São Paulo: Cortez; 1996.